

NUNCA HOUVE UMA MULHER COMO GILDA?

MEMÓRIA E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER “EXCEPCIONAL”

Benito Bisso Schmidt¹ - UFRGS

A comunicação apresenta resultados parciais de uma pesquisa mais ampla, e ainda em andamento, intitulada “Gildíssima: mito, memória, gênero, militância e alta sociedade na trajetória de Gilda Marinho (1900-1984)”, na qual busco construir uma narrativa biográfica sobre essa personagem bastante conhecida de alguns segmentos sociais e geracionais do estado do Rio Grande do Sul, especialmente da cidade de Porto Alegre². Aqui analisarei um conjunto de memórias – registradas por escrito e em fotografias ou estimuladas através de entrevistas – a respeito de Gilda, elaboradas por seus amigos, admiradores e colegas de profissão. Procuro verificar como se deu o trabalho de enquadramento dessas lembranças, bem como os esquecimentos e silêncios dele resultantes³.

Em novembro de 2004, o cronista Paulo Sant’Ana, do jornal “Zero Hora”, revelou sua preocupação com as escavações arqueológicas que seriam realizadas na Praça da Alfândega, localizada no centro de Porto Alegre. Segundo ele, tais escavações poderiam levar à descoberta de “alguns objetos que eram inseparáveis dos mais antigos freqüentadores da praça”, provocando lágrimas nostálgicas por “um tempo delicioso que não volta mais”. Dois dias depois, Sant’Ana voltou ao tema, lamentando-se de sua péssima memória, que o teria levado a esquecer “alguns dos mais célebres atores da nossa Praça da Alfândega”. Entre eles, o jornalista ressaltou: “Como posso não me ter lembrado da chegada, todas as noites ou madrugadas, da cronista social Gilda Marinho, recolhendo-se ao seu apartamento junto ao Clube do Comércio: era uma solenidade, a Gilda descendo do carro e empunhando a sua longa piteira com cigarro aceso? Como diz o Marco Aurélio Barbosa, a chegada da Gilda Marinho na frente da praça era uma cena

deslumbrante, toda chique, às vezes até com véu sobre o rosto. E aquela piteira de mais de meio metro!”⁴

O esquecimento de Gilda, no rol dos freqüentadores da referida praça, pareceu “imperdoável” a Sant’Ana. A fim de reparar o “erro”, ele evocou uma cena “solene” e “deslumbrante”, na qual a cronista social desponta como uma diva hollywoodiana, de piteira “de mais de meio metro”, véu sobre o rosto, “toda chique”, descendo de um carro e entrando em sua residência. As memórias do jornalista situam a cena em uma temporalidade própria: “todas as noites ou madrugadas”.

No mês anterior à publicação dessas crônicas, o nome da personagem associou-se a outra praça da capital gaúcha: em 23 de outubro, foi inaugurada a Praça Gilda Marinho. Poucas pessoas compareceram à cerimônia, talvez devido à chuva fina que caía⁵. Entre elas estavam os familiares mais próximos da homenageada (sua sobrinha com o marido, o filho e a nora); alguns cronistas sociais, antigos colegas de profissão; o pequeno *staff* do vereador Claudio Sebenelo, autor do projeto de lei; meus bolsistas e eu. Um *banner* evocava a imagem de Gilda que se queria preservar: sorriso escancarado, turbante coberto de flores e borboletas, muitas bijuterias vistosas, óculos imensos, leque denunciado o local da foto: “Baile Municipal de Porto Alegre - Carnaval”. Nas placas denominativas, abaixo de seu nome, os seguintes dizeres: “Charme e talento do jornalismo social”. Afinando-se ao tom do momento, o vereador Sebenello assinalou em seu discurso: “Não precisava ir a festas (não falhava uma!) para ter, junto à unanimidade de seus habituais circunstantes, a esmagadora compreensão de que ela era a festa. Uma ‘on the rocks’ no ‘happy hour’ do Clube do Comércio”⁶.

Cronista social, moradora do Clube do Comércio, festeira, alegre, freqüentadora da “noite” porto-alegrense, exuberante no trajar e no agir. Na crônica de Sant’Ana e na inauguração da praça reatualiza-se uma imagem de Gilda que pouco se alterou – entre aqueles que a conheceram e aqueles que simplesmente ouviram falar dela – após mais

de vinte anos de seu falecimento, ocorrido em 7 de fevereiro de 1984. Naquela ocasião, praticamente os mesmos traços foram utilizados para compor o perfil da jornalista, conforme se pode perceber nos títulos das pequenas notas escritas por amigos e admiradores no calor da emoção por sua morte: “Nunca houve uma mulher como Gilda” (Carlos Nobre), “Parecia eterna” (Luís Fernando Veríssimo), “Uma instituição” (Josué Guimarães), “Vida e alegria” (Paulo R. Gasparotto), “Imagem colorida” (Roberto Gigante), “Fascínio esfusante” (Maurício Rosenblatt)⁷. Um dia depois, Veríssimo, em crônica publicada na “Zero Hora”, e depois republicada no seu livro “Traçando Porto Alegre” (1994), associou, como Sant’Ana, Gilda a um sentimento nostálgico suscitado por uma Porto Alegre que não existe mais: “Pensei em como a Gilda – até por morar onde morava, no centro tradicional da cidade, no velho Clube do Comércio em frente à velha Praça da Alfândega – representava uma espécie de última cidadela da Porto Alegre dos grandes tipos. Sua excentricidade e sua exuberância estavam um pouco nisso, de continuar a ser, sem concessões, um tipo da velha Porto Alegre, embora a velha Porto Alegre não existisse mais”⁸.

No ano seguinte, 1985, Gilda ganhou uma pequena biografia, de autoria do jornalista Juarez Porto, integrante da coleção “Esses gaúchos”, publicada pela Editora Tchê! e pela RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) como parte das comemorações alusivas ao Sesquicentenário da Revolução da Revolução Farroupilha, acontecimento chave para a constituição da identidade regional gaúcha⁹. A mulher excêntrica, espécie de fragmento de um tempo perdido, ganhava assim lugar no “panteão de papel”¹⁰ do Rio Grande do Sul ao lado de nomes como Getúlio Vargas, João Goulart, Érico Veríssimo e Elis Regina.

Analisando o trabalho de enquadramento dessa memória – o qual envolve atores e suportes específicos e implica, como já disse, esquecimentos e silêncios – pude perceber que esse processo tem como um de seus principais protagonistas a própria

Gilda Marinho, ou seja, ao longo de muitos anos, com palavras e ações, ela instituiu marcos referenciais para a construção e perpetuação de sua imagem. Tais marcos – repetidos insistentemente – acabaram pautando as lembranças registradas nas fontes escritas e orais a respeito da personagem¹¹. Assim, as recordações que evocam Gilda assumem, em geral, um tom anedótico e, embora bastante afetivas, apresentam uma visão caricatural e folclórica da jornalista, tendo como matéria-prima seus comentários e atitudes. Alguns exemplos: Luís Fernando Veríssimo encerra a crônica de 1984 com a seguinte história: “A própria Gilda contava que, com cinco anos, ainda em Pelotas [cidade onde nasceu], às vezes suspirava fundo, e sua mãe perguntava o que era. E a Gilda: - Saudade de Paris...”. Ou seja, segundo Veríssimo e, ao que parece, de acordo com a própria personagem, a excentricidade de Gilda teria se manifestado desde a infância, como algo natural, idéia reforçada por diversos depoimentos. No mesmo sentido, uma colunista social de Porto Alegre, que trabalhou com Gilda em vários jornais, contou-me informalmente que ela dizia ter tido seu primeiro orgasmo com cinco anos de idade ao tomar um banho de assento!

Enfocando a vitalidade inesgotável de Gilda, outro colunista, Roberto Gigante, grande amigo da jornalista, em sua entrevista falou o seguinte: “[...] eu nunca me esqueço num campeonato de biriba que eu participei, e ela participou também. Lá por umas [...] duas da manhã, alguém mencionou uma ida pra Gramado na manhã seguinte. Mencionaram por mencionar. O tal campeonato acabou às seis e meia da manhã, às oito ela me liga: - ‘Estás pronto?’ – ‘Pronto pra quê?’ – ‘Para ir a Gramado.’ Digo: - ‘Gilda?! Eu me deitei faz [...] pouquíssimo tempo’. – ‘Eu já estou pronta!’. Era... Era uma energia, uma coisa fantástica”¹².

A memória de Gilda foi enquadrada como uma coleção de anedotas. Todo mundo que a conheceu ou que dela ouviu falar parece ter uma história engraçada para contar. Essas narrativas, apesar de suas variações, acabam reforçando uma mesma imagem: a

da mulher sempre alegre, que adorava se divertir (comer, beber, dançar, jogar, fazer sexo), espontânea, generosa, extravagante, desafiadora das convenções sociais, “à frente do seu tempo”, excepcional enfim. A noção de excepcionalidade é recorrente nas biografias de mulheres¹³. Mais recentemente, os historiadores (e sobretudo as historiadoras) vêm se dedicando a mostrar a normalidade/historicidade de determinadas mulheres antes consideradas excepcionais/míticas como Chica da Silva e Dona Beja; ou então, distinguindo os aspectos excepcionais e normais de certas trajetórias femininas como a da militante comunista Laura Brandão e a da médica Carlota Pereira de Queiroz, primeira brasileira a ocupar uma cadeira na Câmara Federal¹⁴. Na pesquisa que venho desenvolvendo, contudo, a excepcionalidade não é tomada nem como um atributo natural de Gilda nem como uma categoria analítica adequada para representar suas ações. Assumir que a personagem era – natural ou socialmente – excepcional significa presumir a “normalidade” das outras mulheres suas contemporâneas, relegando-as ao papel de contraponto pressuposto, “pano de fundo” com contornos pouco definidos ou, na verdade, definidos pelo senso comum (“Gilda era uma mulher diferente das outras”) e por uma série de discursos normativos (“na época de Gilda as mulheres dedicavam-se sobretudo à família”).

Prefiro encarar a excepcionalidade da personagem como resultado do trabalho de enquadramento das lembranças construídas a seu respeito, de um complexo processo de organização da memória realizado por seus amigos e conhecidos a partir dos marcos instituídos pela própria Gilda. Não me interessa, pois, descobrir “a mulher por trás do mito”, mas examinar a construção e a vivência do mito, aqui entendido enquanto “[...] ampliação do significado de eventos isolados”¹⁵; compreender como e porque Gilda foi e é considerada uma mulher excepcional. Minha hipótese é a de que a excepcionalidade da personagem serve como um recurso narrativo para dar coerência e sentido às tensões e ambigüidades de sua biografia, relativas especialmente aos papéis de gênero e/ou

políticos por ela vivenciados. Nesse sentido, por exemplo, ressaltar que Gilda construiu sua imagem associada ao espaço público: a militância política em partidos como o PCB, o PSB e o PTB; o trabalho como jornalista; o lazer nas rodas de boemia, bailes de carnaval e boates da moda; as aparições exuberantes na Praça da Alfândega e na Rua da Praia (a principal via comercial do centro de Porto Alegre). Além disso, não teve sua existência ligada a um homem ilustre (“esposa de”, “amante de”, “filha de”, “irmã de”). Em consequência, ela parece destituída de vida privada, impressão reforçada por alguns depoimentos, como o do já citado Roberto Gigante, que disse ter entrado no apartamento de Gilda pouquíssimas vezes. Quando perguntei-lhe como era o apartamento, ele mesmo se surpreendeu: “[...] agora você me colocou uma coisa que eu nunca tinha pensado. A casa era absolutamente normal. Até com um certo ar tradicional. Que coisa, eu nunca... Ela deveria morar numa coisa completamente enlouquecida, mas não. Completamente normal. Sala de jantar, sala de estar, o quarto, o quarto de hóspedes, tudo normal. Mas que engraçado...” Na sua visão, portanto, Gilda, tão “excepcional”, não podia ter um apartamento “normal”.

Como dar coerência aos percursos dessa mulher que viveu em público e, mais ainda, que tornou público – por sua posição social favorecida, por seu ofício de jornalista, por sua condição de “colunável”, por sua personalidade esfuziante – o seu viver em público? Só mesmo considerando-a excepcional, “naturalmente” diferente de suas contemporâneas (afinal essa diferença já teria se manifestado instintivamente desde a infância); não uma consciente contestadora dos valores e padrões da época e sim uma “louca” (palavra recorrente nas entrevistas), uma figura simpática e folclórica, que afrontava de maneira espontânea esses mesmos valores e padrões.

Cabe ainda salientar que a memória enquadrada sobre Gilda parece dizer respeito quase que exclusivamente às suas vivências após 1964. Antes dessa data, Gilda não era uma cronista social em sentido estrito – várias vezes, inclusive, manifestou-se contra a

futilidade do gênero -, dedicada à cobertura da vida mundana de Porto Alegre. Suas colunas na imprensa local traziam freqüentemente comentários sobre a cena política brasileira. Depois de militar no PCB e no PSB nos anos que se seguiram ao fim do Estado Novo, ela engajou-se na defesa dos ideais trabalhistas. No dia 31 de março de 1964, Gilda escreveu no jornal *Última Hora*: “É preciso que [os golpistas] reconheçam que o povo, as classes armadas, os camponeses e os estudantes cerram fileiras em torno do Presidente da República que, no histórico comício de 13 de março, conquistou a confiança de todos com sua corajosa investida contra a reação, disposta a tudo para conservar as suas regalias”. Após o golpe, sua coluna foi interrompida por alguns dias, reaparecendo em 13 de abril com o seguinte teor: “Não é fácil falar de coisas fúteis, em plena consolidação de um movimento revolucionário que procura renovar o panorama nacional. O Brasil já tem seu novo Presidente em quem todos depositam uma grande esperança. Temos tanta fé na pujança de nossa Pátria, que estamos certos de que será o bastante afastarmos o clima de insegurança e o temor que um clima de agitação fermentava surdamente [...]”¹⁶. O que terá levado Gilda a essa mudança de posição: ameaças, temor, instinto de sobrevivência, adesão verdadeira ao novo regime? A resposta para tal questão ainda não foi encontrada. De qualquer forma, verifica-se, a partir daí, que Gilda passou a dedicar seus artigos, cada vez mais, às “coisas fúteis”, afastando-se de qualquer militância política.

As recordações referentes à personagem evocam, normalmente, essa última fase de sua vida (1964-1984), com destaque para os anos 70, década de muitas festas e “loucuras” na alta sociedade porto-alegrense. Os acontecimentos progressos da existência de Gilda parecem “filtrados” por essa época. Sua militância comunista (que mereceu inclusive a investigação do DOPS), por exemplo, aparece folclorizada, como na história contada por Gigante de que ela tinha um broche de brilhantes com a foice e o martelo. Enfim, novamente as ambigüidades de sua biografia – a mulher de elite engajada

nas lutas da esquerda – resolvem-se pelo tom anedótico e pela idéia de que ela era uma mulher excepcional.

Concluindo, ressalto que esse breve texto, apesar de seu caráter provisório, teve como objetivo geral discutir o uso da noção de “excepcionalidade” nas biografias de mulheres, a partir das fontes escritas e orais que evocam a jornalista Gilda Marinho. Procurou-se mostrar, sobretudo, que tal noção resulta do procedimento de tomar como dados os resultados de um trabalho de enquadramento da memória, esvaziando de historicidade as tensões e ambigüidades que permeiam as vidas das ditas “mulheres excepcionais”.

¹ Professor do Departamento de História e do PPG em História da UFRGS.

² O projeto é apoiado pelo CNPq, pela FAPERGS e pela PROPESQ-UFRGS, com a concessão de bolsas de iniciação científica, e pela FAPERGS, com um auxílio recém-doutor.

³ As noções de enquadramento da memória, esquecimento e silêncio partem de POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

⁴ *Zero Hora*. Porto Alegre, 18/11/2004, p. 63 e 20/11/2004, p. 39.

⁵ Localizei apenas uma pequena nota na imprensa de Porto Alegre a respeito da inauguração, publicada na coluna “Sociedade”, do jornalista Paulo Raimundo Gasparotto, grande amigo de Gilda. Ver: *O Sul*. Porto Alegre, 21/10/2004, p. 03 (Magazine).

⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Projeto de Lei do Legislativo. Processo n. 1111/00. Denomina Praça Gilda Marinho um logradouro público. Autor: Claudio Sebenelo. 12/05/2000.

⁷ *Zero Hora*. Porto Alegre, 08/02/1984. p. 3 (Segundo Caderno).

⁸ *Zero Hora*. Porto Alegre, 09/02/1984. p. 6. VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Traçando Porto Alegre*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

⁹ PORTO, Juarez. *Gilda Marinho*. Porto Alegre: Tchê!/RBS, 1985 (coleção “Esses gaúchos”). Cabe salientar que o livro – de acordo com os depoimentos que recolhi - não é muito bem visto pelos amigos mais próximos de Gilda. Esses consideram que o trabalho foi feito de forma apressada, ficando muito aquém da figura homenageada.

¹⁰ Expressão de ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro”. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 14, n. 25, 2000, p. 42.

¹¹ A inspiração para essa hipótese veio da leitura de DELGADO, Andréa. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Campinas: UNICAMP, 2003 (tese de doutorado em História). Agradeço à minha bolsista Cássia Silveira pelas observações a respeito desse ponto.

¹² Entrevista do jornalista Roberto Gigante ao autor.

¹³ Ver dossiê sobre o tema em *Le Genre de l'histoire. Les Cahiers du Grif*, ns. 37-8, primavera de 1988.

¹⁴ FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes. O outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; MONTANDON, Rosa María Spinoso de. *Dona Beja. Desvendando o mito*. Uberlândia: EDUFU, 2005; BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas: UNICAMP, 1995 (dissertação de mestrado em História) e SCHPUN, Mônica Raisal. Carlota Pereira de Queiroz entre representativa e singular. *Cuadernos de Historia Latinoamericana*. Málaga: AHILA/Algazara, 1996.

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 124.

¹⁶ *Última Hora*. Porto Alegre, 31/03/1964. p. 5 e 13/04/1964. p. 5.